

IBGE: taxa de desemprego no Brasil subiu para 6,5% no mês passado

Aumento de 14,7% na procura por emprego pressionou índice em março

Cássia Almeida

• O aumento de 14,7% no número de pessoas procurando trabalho em março fez a taxa de desemprego no país subir de 5,7% em fevereiro para 6,5% em março. Mas no acumulado dos primeiros três meses do ano, o desemprego caiu: a taxa foi de 6% — a menor para igual período desde 1997 — contra 7,9% no primeiro trimestre de 2000. Os dados fazem parte da Pesquisa Mensal de Emprego, divulgada ontem pelo IBGE. Segundo Shyrlene Ramos, do Departamento de Emprego e Rendimento do instituto, em fevereiro as pessoas pararam de procurar emprego, em razão do carnaval, e só voltaram em março, o que fez a taxa subir. Não houve queda na ocupação no mês: ela subiu 0,7%:

— Esse resultado de março já era esperado. Na semana do carnaval, as pessoas não procuram trabalho. Mas o nível de

atividade aumentou, com o crescimento da ocupação.

A operadora de telemarketing Marinéia dos Santos Azevedo é um exemplo. Ela perdeu o emprego em janeiro e, desde então, enviou mais de cem currículos. Mas, no carnaval, deu uma pausa na procura:

— Não há retorno dos currículos enviados no carnaval. Em março, voltei a procurar, mas está muito difícil.

Queda do desemprego deve ser menor, diz economista

Marcelo Néri, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), afirma que essa alta na taxa de desemprego era esperada, pelas variações sazonais. Para os próximos meses, a queda do desemprego verificada ao longo dos últimos meses deve ser atenuada. Três fatores vão contribuir para isso: a crise na Argentina, o aumento do salário-mínimo e o racionamento de energia:

— Pelas pesquisas que fazemos, observamos que nos momentos de crises externas, o emprego é afetado. Da mesma forma acontece quando o aumento do salário-mínimo é significativo. E o racionamento pode atrasar os investimentos da indústria na capacidade instalada — explica Néri.

A pesquisa mostrou que o emprego formal caiu 0,8% em março sobre fevereiro. Segundo Shyrlene, a estabilidade na ocupação na indústria explicou, em parte, o resultado:

— Como é a indústria que contrata mais com carteira assinada, e ela não fez contratações no último mês, houve reflexo no número de empregados com carteira.

O rendimento médio manteve-se estável em fevereiro, ficando em 4,9 salários-mínimos. A renda subiu para os trabalhadores por conta própria (3,3%) e caiu para os informais (-1%) e os formais (-2,2%). ■